

guia infanto-juvenil DO CASTELO DE PALMELA

O **Castelo de Palmela** está estrategicamente situado no cimo de uma colina integrada no Parque Natural da Arrábida, oferecendo a quem o visita uma panorâmica deslumbrante – ponto **A** da planta (Terreiro Norte fronteiro ao antigo Convento).



Do Castelo, podem ver-se, na margem norte da imensa bacia hidrográfica do rio Tejo, a cidade de Lisboa – capital portuguesa – e as duas pontes que a ligam à Península de Setúbal: a jusante (noroeste), a ponte 25 de Abril, assim designada para homenagear a Revolução de 1974 e, a montante (nordeste), a ponte Vasco da Gama; o nome desta ponte recorda-nos o navegador que descobriu o caminho marítimo para a Índia e que foi, também, cavaleiro da Ordem de Santiago.

Quanto ao Castelo, apesar de nunca ter sido palco de grandes combates, apresenta as tradicionais muralhas (muros compridos, antigamente fechados) e as torres, a mais alta das quais se chama *torre de menagem* e é coroada por *merlões* e *ameias*, e rasgada por pequenas frestas denominadas *seteiras*.

Este Castelo ou, pelo menos o local em que se encontra edificado, foi, desde sempre, um espaço que atraiu os povos que, ao longo da História de Portugal, se instalaram nesta região, tal como o atestam os vestígios aí encontrados pela *arqueologia* nas escavações realizadas.

“Conquistado” sem grandes escaramuças, em 1147, pelo 1º Rei de Portugal – D. Afonso Henriques – aos muçulmanos, o Castelo de Palmela foi sede da *Ordem Militar* de Santiago de Espada do séc. XV

ao séc. XIX. A Ordem era constituída por grupos de freires-cavaleiros, os quais, em tempo de paz, eram freires e, em tempo de guerra, cavaleiros.

O edifício que se encontra a poente no Castelo, e que actualmente funciona como Pousada, foi o último Convento da Ordem de Santiago, no qual os freires dormiam, rezavam, estudavam e tomavam as suas refeições.

A Igreja de Santiago, com a sua silhueta coroada por *ameias*, era o local de culto dos freires – aí rezavam e faziam os seus cânticos litúrgicos. Este monumento é de estilo *gótico* tardio tendo sido construído no século XV.

Na fachada da Igreja de Santiago – ponto **B** – pode observar-se o portal de entrada, que apresenta um *arco quebrado* composto por quatro delgados *colunelos* sob a base dos quais sobressai discretamente uma vieira, *atributo* do patrono do monumento e da *Ordem Militar* que aqui teve a sua última sede (Ordem de Santiago). É de notar ainda a existência de um *óculo*, em cima do portal principal, e de uma torre sineira, na qual se pode ainda ver um mostrador de um relógio do século XVIII, fabricado em Liège (Bélgica).



Fachada da Igreja de Santiago



Mostrador do Relógio da Igreja de Santiago



Interior da Igreja de Santiago

A Igreja de Santiago – ponto **C** – é um edifício de planta rectangular dividido em três *naves*. Observando o topo das colunas que separam a nave central das laterais, podemos observar os característicos *arcos quebrados*. Sobre a entrada da Igreja fica o *coro-alto*, local onde os freires cantavam durante o serviço religioso (hoje protegido por uma guarda de madeira), sob o qual se pode ver a *cachorrada* constituída por figuras *zoomórficas*.

Encimando a porta lateral norte da Igreja, existe uma pequena *abóbada* estrelada, decorada com *frescos*, cujas pedras de fecho têm figuras esculpidas, relacionadas com a lenda e os atributos de S. Tiago.

No chão da nave central existem várias lápides em pedra - são túmulos de personalidades ilustres ligadas à Ordem de Santiago. Algumas dessas lápides apresentam o *brasão* de família que possui, entre outros símbolos, a representação *iconográfica* do nome da pessoa aí sepultada.

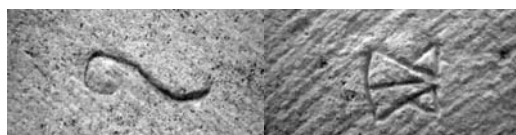
Na nave esquerda, antes da *capela-mor*, encontra-se a *arca-ossário* dita de D. Jorge, último Mestre da Ordem de Santiago, construída em brecha da Arrábida, sob arcossólio manuelino.



Arca-ossário de D. Jorge

Já na *capela-mor*, para além dos azulejos, dos portais renascentistas laterais e da *abóbada*, pode observar-se sobre o *altar-mor* uma réplica do *Retábulo* da Vida e da Obra de S. Tiago e, à direita, outra réplica de um *alto-relevo* gótico do séc. XIV, cujo original se encontra na Igreja Matriz de Santiago do Cacém; o *alto-relevo* intitula-se “Santiago combatendo os Mouros”.

É possível identificar, no interior da Igreja, diversas *siglas de canteiro*, abundantes nos pilares das naves.



A iluminação natural da Igreja é feita pelo *óculo* e por frestas que lhe conferem uma luminosidade difusa e discreta, aprofundando o espaço e o seu sentido místico.



Porta e corredor
de acesso
à reserva visitável
"Escultura
S. Tiago"

No corredor direito contíguo à Igreja situa-se o acesso à reserva visitável "Escultura S. Tiago" – ponto **D**.

S. Tiago foi um dos primeiros discípulos de Jesus, santo patrono da *Ordem Militar* sediada neste Castelo. Todas as esculturas que se encontram na reserva representam S. Tiago como Apóstolo/*Peregrino* ou Cavaleiro/Guerreiro, lutando contra o Mal, vencendo os "infiéis", difundindo a Fé Cristã e auxiliando os reis cristãos nas batalhas contra os muçulmanos. São 14 esculturas produzidas, por várias oficinas escultóricas, em pedra ou em madeira, nos séculos XV, XVI e XVII. Em todas elas se podem observar os *atributos* do santo: o chapéu, o manto, a sacola, o bordão, o livro dos evangelhos, e a vieira, também o uso da cabaça e o facto de serem representados descalços são atributos, apesar daqui não ser a regra.



Imagem de São Tiago
Apóstolo (séc. XVI)

Segundo a lenda, S. Tiago encontra-se sepultado na cidade de Santiago de Compostela, na Galiza, local onde foi edificada uma Catedral em sua honra. Desde a Idade Média, Santiago de Compostela tornou-se um dos principais destinos dos *peregrinos* europeus que faziam a viagem (peregrinação) para ganhar o perdão pelos pecados cometidos, pedir graças e, também, procurar aventuras...



Terraço Sul do Castelo de Palmela

Do terraço Sul ou Miradouro de Baixo, como era conhecido pelos freires da Ordem – ponto **E** – observa-se a cidade de Setúbal, o lindíssimo estuário do rio Sado, a península de Tróia, a *cordilheira* da Arrábida e o vasto oceano Atlântico.



Vista da cadeia Arrábida

Nesta serra – parque natural e paisagem protegida desde 1976 - se extraía a famosa brecha da Arrábida, que se pode observar na *arca-ossário* de D. Jorge. Essa é uma pedra característica desta serra, como aliás o seu nome indica, e a sua exploração foi proibida para evitar o esgotamento desse bem natural.

No terraço Sul, constitui ainda elemento de interesse, um *relógio de sol* que se pode observar na parede da Igreja.

A nascente do terraço Sul, situa-se a Casa do Prior-Mor – ponto **F** –, importante cargo na Ordem de Santiago, contígua à casa do Governador deste Castelo onde nasceu, em 1841, **Hermenegildo Brito Capelo**. Esta personalidade histórica ficou célebre, não pela relação com Palmela, mas porque realizou a primeira travessia terrestre entre Angola e Moçambique, numa altura em que muitos outros europeus se aventuravam no interior de África, numa tentativa de explorar esse continente até então inóspito e desconhecido.

Na casa do Governador – Casa Capelo – será instalada a sede do Museu Municipal de Palmela.



Acesso à Casa do Prior-Mor



Casa do Prior-Mor e Casa Capelo

O ponto **G** corresponde a uma cisterna. Como antigamente não havia água canalizada, as cisternas eram muito importantes, daí existirem 4 neste Castelo. Eram reservatórios para as águas da chuva, necessárias aos habitantes do Castelo, sobretudo se este fosse sitiado, isto é, cercado por inimigos. Entre a cisterna e a *torre de menagem*, situam-se as ruínas da Igreja de Santa Maria do Castelo, construída no séc. XII, primeira igreja paroquial que existiu em Palmela. Em 1755, o chamado terramoto de Lisboa, que destruiu a Baixa daquela cidade, também afectou Palmela, tendo destruído esta Igreja, da qual restam ruínas, a sacristia e alguns azulejos do séc. XVII, em azul e amarelo, típicos desta época.

Esta zona do Castelo possui algumas árvores e arbustos típicos de países mediterrânicos, como os ciprestes, uma romãzeira e arbustos da Arrábida.



Cisterna e Torre de Menagem



Igreja de St.ª Maria

A imponente *torre de menagem* foi construída no séc. XIV e nela esteve encarcerado, por conspiração contra o rei D. João II, o Bispo de Évora, D. Garcia de Meneses. Aí morreu de *peçonha*, numa cisterna, mais conhecida por masmorra, localizada no piso inferior da torre de menagem!

Na Praça de Armas do Castelo – ponto **H** – está instalado o Espaço Arqueológico do Núcleo Museológico do Castelo de Palmela. À esquerda, de quem entra nesta zona, podem visitar-se 3 salas onde se testemunha a presença islâmica no Castelo. Nestas salas, antigos quartéis construídos no séc. XVII, encontraram os arqueólogos vestígios de construções muçulmanas anteriores, como: muralha, restos de habitações, canalizações de água, lixeiras, utensílios da vida quotidiana, entre outros.

Um dos contributos da civilização muçulmana foi a introdução de novas palavras no nosso vocabulário. Entre elas podemos destacar as seguintes, distribuídas por grupos de significação:

Alimentos – açúcar, alface, alperce, arroz, azeite, laranja

Armas, guerra – adarve, alcáçova, azagaia, rebate

Cargos – alcaide, alferes, almirante, almotacé, califa, sultão

Casa – açoteia, algeroz, azulejo

Comunicações – almenara

Ciências, cultura – álcool, algarismo, álgebra, alquimia

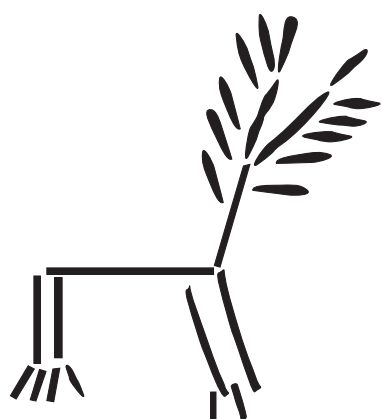
Indústria – açougue, albufeira, armazém, atafona, azenha, nora

Topónimos – *Balmalla* (Palmela), Arrábida

Utensílios – garrafa, jarra, taça



Praça de Armas do castelo



Nas salas 1 e 2 (últimas salas do lado direito) do Espaço Arqueológico – ponto I –, podem recolher-se informações sobre a carta arqueológica do concelho de Palmela.

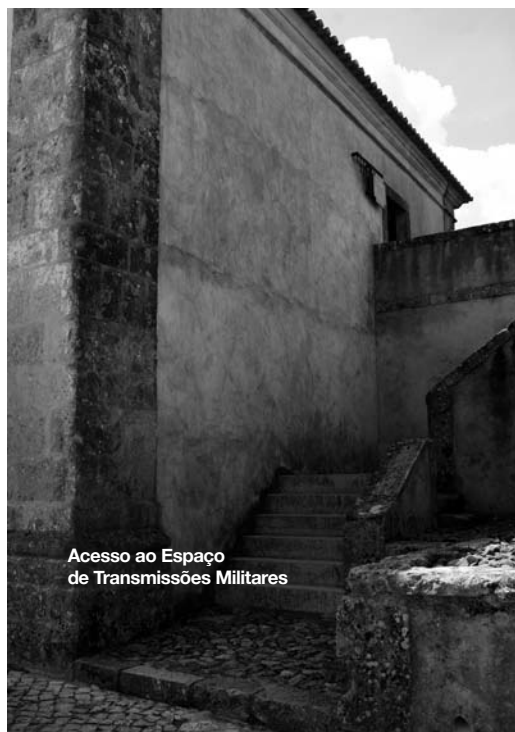
Poder-se-ão também encontrar referências aos Sepulcros Neolíticos da Quinta do Anjo, grandes túmulos colectivos escavados na rocha pelo Homem, entre 4 500 e 2 000 anos a.C.

Aí podemos observar a imagem de uma taça campaniforme, também designada e conhecida mundialmente como “taça tipo Palmela”.

O *veado*, esquematizado numa dessas taças, é o símbolo deste espaço arqueológico, pois abundava, nesse período, na região de Palmela, sendo por isso tema decorativo da cerâmica campaniforme.

Descendo à cisterna, entra-se na sala 2 do Espaço Arqueológico onde se podem observar fragmentos de ânforas da jazida do Zambujalinho (Marateca), do período Romano; aí foram descobertos fornos de fabrico destes recipientes usados para transporte de vinho, azeite, cereais e *garum* para todo o Império Romano.

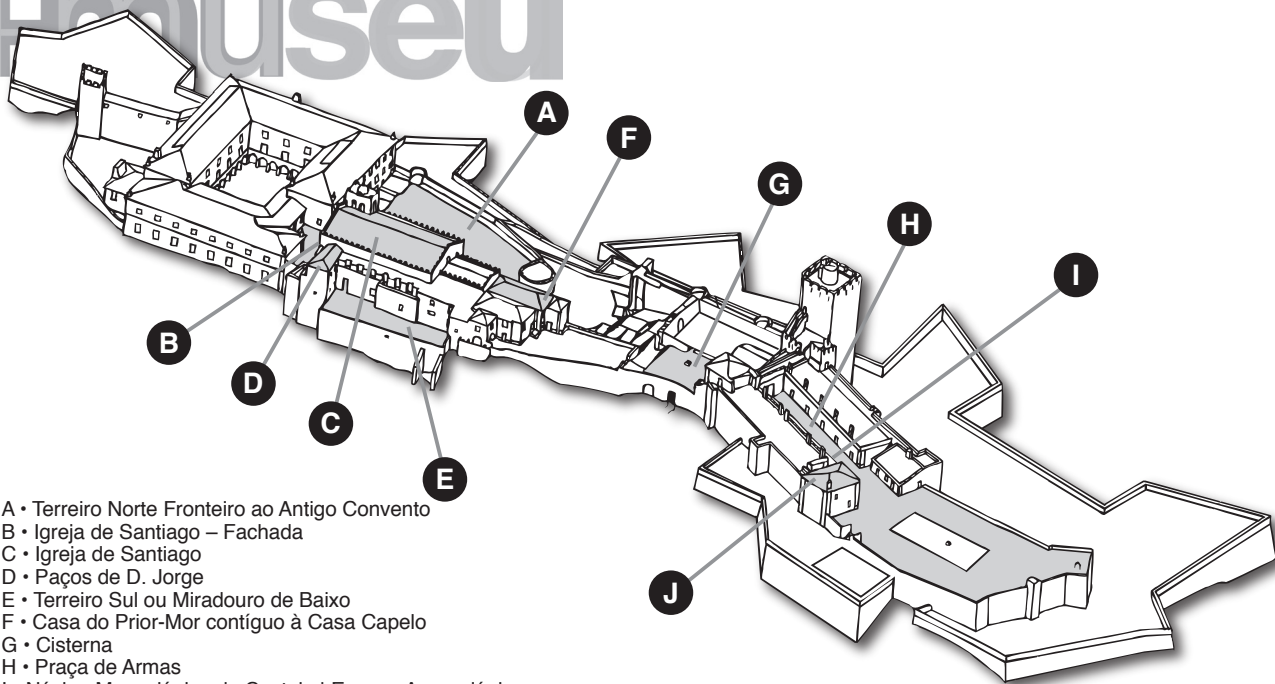
Ainda na sala 2 estão expostos objectos da vida quotidiana: uma corrente, alfinetes de cabelo, uma fivela, moedas do tempo de D. João I, de D. Afonso V, de D. Manuel, de D. João III e de D. José, são achados efectuados na vila de Palmela, nos *arrabaldes* do Castelo e que pertencem ao período do final da Idade Média e da Época Moderna.



Acesso ao Espaço de Transmissões Militares

O Espaço de Transmissões Militares – ponto J – funciona numa sala altaneia, virada a sul, que se atinge após subida de umas íngremes escadas. Este espaço foi criado porque aqui estiveram instalados militares, entre 1889 e 1990, sendo, por isso, conhecido pela *casa dos radiotelegrafistas*. Aqui, a história dos meios de transmissão militar é apresentada através de meios físicos e sonoros, visuais e ópticos, eléctricos e electrónicos.

Durante o ano 2011 algumas áreas do castelo estarão em obras, o que pode condicionar o acesso a alguns espaços aqui descritos.



- A • Terreiro Norte Fronteiro ao Antigo Convento
- B • Igreja de Santiago – Fachada
- C • Igreja de Santiago
- D • Paços de D. Jorge
- E • Terreiro Sul ou Miradouro de Baixo
- F • Casa do Prior-Mor contíguo à Casa Capelo
- G • Cisterna
- H • Praça de Armas
- I • Núcleo Museológico do Castelo | Espaço Arqueológico
- J • Núcleo Museológico do Castelo | Espaço de Transmissões Militares

GLOSSÁRIO

Abóbada – cobertura arqueada de um vão.

Altar-mor – altar principal da igreja. Está colocado na capela-mor, ao fundo da nave central.

Alto-relevo – escultura, sobre fundo plano, de relevos muito salientes. As figuras são talhadas de modo a conservarem as proporções exactas entre as três dimensões (altura, largura e espessura), apenas ligadas ao fundo por alguns pontos de contacto, ressaltando mais de metade da sua espessura proporcional.

Ameia – abertura regular entre dois merlões.

Ânfora – vasilha de duas asas, em cerâmica, para transporte de bens alimentares.

Arca-ossário – caixa em pedra onde estão depositadas ossadas.

Arco quebrado – arco formado por dois segmentos de círculo, cortados no fecho.

Arqueologia – ciência que estuda os vestígios materiais (fósseis, monumentos, instrumentos, objectos, etc.) da actividade humana, muitos deles hoje soterrados ou submersos.

Arrabalde – cercanias, arredor.

Atributos – o que é próprio ou peculiar de alguém; acessório; sinal distintivo; qualidade; símbolo.

Brasão – (escudo) peça, de forma variada, derivada dos escudos defensivos usados na Idade Média e em cuja superfície são colocadas as peças e figuras heráldicas.

Cachorrada – conjunto de peças salientes da parede, dispostas em série a intervalos regulares, usadas como suporte de cornijas, beirais, varandas, sacadas, balcões, etc. Podem ter formas diversas tais como de cabeça de homem ou de animal, seres fantásticos, entre outras.

Capela-mor – parte da igreja onde se encontra o altar-mor. É a capela de maiores dimensões.

Colunelos – coluna pequena, de formas variadas, de fuste alongado. Na arquitectura românica e gótica é muito empregada para decorar os pés-direitos dos portais ou pilares.

Cordilheira – conjunto de serras paralelas, que formam um sistema de montanhas.

Coro – lugar onde se reúnem os cônegos ou os cantores durante determinadas cerimónias religiosas. Parte da igreja reservada ao clero. O coro situado acima da nave, à entrada da igreja chama-se coro-alto.

Frescos – técnica de pintura mural executada sobre uma argamassa ainda húmida.

Garum – preparado piscícola comercializado no período do Império Romano.

Gótico – estilo artístico que na Europa Ocidental surgiu no século XII e durou até ao século XVI. As suas características principais são a verticalidade, a luminosidade e uso os arcos quebrados.

Iconográfico – relativo a imagens, quadros, bustos, pinturas.

Merlões – pedras quadrangulares que coroavam os parapeitos das fortalezas medievais como escudos fixos; aos espaços que medeiam entre elas chamam-se ameias. Também se usavam para fins decorativos, servindo de cimbalha em edifícios religiosos.

Nave – parte longitudinal de uma igreja, compreendida entre a fachada principal e a capela-mor, ladeada, em regra, por colunatas ou arcadas. Existindo três naves, a do centro é a nave central e as que ficam de ambos os lados as naves laterais.

Óculo – janela circular ou oval a meio de uma fachada da igreja ou sobre as portas e partes altas das paredes para iluminar ou arejar o interior.

Ordem militar – nascem na Palestina, no século XI com o objectivo de proteger peregrinos e cruzados. Os seus membros obedeciam às regras da ordem a que pertenciam, combatendo em nome da

fé. Em Portugal o seu papel foi particularmente importante na Reconquista Cristã.

Peçonha – veneno; D. Garcia de Menezes terá sido envenenado.

Peregrino – aquele que anda ou vai em peregrinação, em viagem a lugares de devoção.

Radiotelegrafista – pessoa que faz transmissões por telefonia sem fios.

Relógio de sol – gnómon (antigo instrumento que marca a altura do sol pela direcção da sombra projectada sobre um plano) que marca as horas e as suas subdivisões.

Réplica – reprodução; exemplar de uma obra de arte que não é original.

Retábulo – obra de arte colocada sobre altar e composta por várias peças (ex: pinturas ou esculturas)

Seteira – abertura simples, rasgada na muralha ou torre de uma fortaleza para o disparo de flechas e setas.

Sigla de Canteiro – pequena marca gravada pelos canteiros e pedreiros nas cantarias. Ex:

Torre de menagem – a torre mais alta e central de um castelo medieval, por vezes servia de residência ao senhor ou comandante da fortaleza.

Veado – mamífero ruminante, de grande porte, pertencente à família dos Cervídeos, com cornos desenvolvidos (no macho), maciços e caducos.

Zoomórfica – diz-se de desenhos e gravuras que representam animais.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, José António Ferreira de (coord.) – *Tesouros Artísticos de Portugal*. Lisboa: Selecções do Reader's Digest, 1976.

ANDRADE, Sérgio Guimarães (coord.) – *S. Thiago Discipulo de Jezus e Fêz Guerra Contra os Mouros*. Palmela: CMP, 1998.

CANELAS, Vítor (coord.) – *Património Natural do Concelho de Palmela*. Palmela: CMP, 1999.

CONDEÇO, António Simão; ROSENDO, Maria Teresa – *Hermeneigdo Capelo e o seu tempo*. Palmela: CMP, 1991.

Dicionário da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 1993. 6.ª ed.

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira (coord.) – *Simpósio Internacional sobre Castelos – Mil Anos de Fortificações na Península Ibérica e no Magreb*. Palmela: CMP e Colibri, 2002.

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; CARVALHO, António R. – *Arqueologia em Palmela 1988/92*. Palmela: CMP, 1993.

FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira; MOREIRA, Guilherme Bastos; PASTOR, José Quesada – *Espaço de Transmissões Militares*. Palmela: CMP, 1999.

PEREIRA, Fernando António (coord.) – *A Ordem de Santiago – História e Arte*. Palmela: CMP, 1990.

PEREIRA, Paulo (coord.) – *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. Vol. III.

SERRÃO, Joel – *Dicionário de História de Portugal*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1971.

SERRÃO, Vítor e MECO, José – *Palmela Histórico-Artística. Um inventário do Património concelhio*. Palmela/Lisboa: CMP/Ed. Colibri, 2007

SILVA, José Custódio Vieira da – *O Fascínio do Fim*. Lisboa: Livros Horizonte, 1997.